



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Intercom Jr. 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

Projeto “Cu é Lindo”: discutindo a Pornografia, Abjeção ou Conceito Social como necessidade de abertura de diálogo. ¹

Millena Carvalho²

Dandara Mendes³

Lucas Dias⁴

Rose Ferreira⁵

RESUMO

O artigo descreve o trabalho sobre uma fotografia artística, idealizado pelos alunos do Curso de Comunicação Social da UFMA, para fins artísticos e pessoais, pensando em futuramente, ir a exposições, sobre a pichação existente em uma das paredes do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Na fotografia vemos a frase “Cu é lindo” na parede e pessoas em poses fazendo alusão aos três macacos que “nada veem, nada escutam e nada falam”, como modo de trazer à tona um assunto tabu. Este visa aguçar a respeito da pornografia e da imagem abjeto como meio de comunicação visual; veremos os projetos a respeito que estão em andamento com esta temática, discussões sobre sexualidade e traçaremos paralelos também com a “pornografia” visual, falada ou escrita e de que maneira isso reflete na postura e mentalidade das pessoas que entram em contato com a obra.

1 Trabalho submetido e apresentado na categoria IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII, no Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

2 Aluna líder, estudante do curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: miih.sn21@gmail.com

3 Aluna participante, estudante do curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: darinha.mendes@hotmail.com

4 Aluno participante, estudante do curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: lucasdiascorrea@outlook.com

5 Orientadora, Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, email: roseferreira@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, fotografia artística; pornografia; sexualidade; abjeto; pichação; arte; comunicação.



Fotografia tirada em 13 de abril de 2015, no Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão.

Dimensões: 4608 x 3072 • Largura: 4608 pixels • Altura: 3072 pixels.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

APRESENTAÇÃO

O Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão abriga cursos acadêmicos voltados para as áreas que estudam os valores culturais, filosóficos e sociais que nos cercam. Lotado no prédio, o curso de Artes Visuais – Licenciatura, abriga alunos empenhados em mostrar a Arte não apenas do ponto filosófico-educacional, mas como objeto de reflexão social através de seus grafites, desenhos, pinturas e versos dispostos nas paredes. Alguns desses alunos, sentindo a necessidade de discutir e colocar em xeque a visão das pessoas a respeito da moralidade existente atualmente, principalmente em relação a pornografia e suas vertentes, picharam em um dos muros a frase “Cu é lindo” (<http://cuelindo.wix.com/site>)⁶, aderindo socialmente a um movimento já existente em outras partes do Brasil e do mundo, o que causou debate intenso sobre: fotografia contemporânea, imagem abjeta, pichação como veículo para debate social pode ser considerado arte ou movimentação social?

O objetivo do trabalho é causar impacto aos olhos do receptor da mensagem, provocar a contestação e a reflexão; tentar entender se a pornografia visual, a imagem abjeta e suas vertentes podem sair da marginalidade e ganhar as ruas ou continuará cerceada aos becos e paredes, reduzida aos pensamentos invisíveis de quem quer expressar suas ideias.

⁶ <http://cuelindo.wix.com>. Site que destaca o projeto idealizado por Layo Bulhão e Gê Viana, a partir da necessidade de dar visibilidade ao cu, que é tratado de forma abjeta pela sociedade e expõe a obrigação de se debater sobre os temas que se desenvolvem a esse respeito.

A PORNOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO VISUAL E SOCIAL: NASCIMENTO E SITUAÇÕES DE DEBATE

Desde o início dos tempos o homem tem necessidade de se expor e documentar fatos históricos, emoções, pensamentos; é nato da consciência humana a necessidade de se expressar. Em civilizações antigas, como a egípcia, se narrava os fatos a partir dos hieróglifos nas paredes dos túmulos dos faraós. Sendo assim, o desenho e suas variações como a pintura, rabiscos e gravuras fazem as vezes de objetos artísticos, uma vez que podem ter um ponto de vista, um sentimento ou ser apenas uma forma de expressão.

Na década de 60 surgem as pichações e grafites, ambas quase que ao mesmo tempo, provocando o olhar de modo a nos colocar em contato com essa necessidade de expressão de quem nos é invisível socialmente; Lazzarin, falando sobre o nascimento do movimento urbano denominado *pichação*, diz: “Paralelamente ao surgimento do grafite, na década de 60, surgem também as pichações – que vão desde a manifestação política (...) até o simples ato de vandalismo em prédios públicos e monumentos (Lazzarin, 2007). A pichação vem sendo reverberada ao longo dos tempos como sendo ou não livre expressão democrática, embora seja proibida por lei.

Em contrapartida, o movimento do grafite vem opor a questão desta expressão em local público como sendo arte. Em nossa comunidade uma frase sem nexos escrita em um muro público ou particular pode ser apenas um atentado à organização social de uma cidade que pretende se mostrar limpa e asséptica, portanto nada teria de artístico; já uma frase dotada de potencial reflexão às pessoas que a leem, pode ser avaliada como sendo importante para considerar fatos e motivar a discussão. Até que ponto uma palavra que é usada para definir uma parte do corpo humano pode ser considerada vulgar, suja? Aí encaramos novamente a assepsia, mas desta vez na forma moral.

O que salta aos olhos é o uso da palavra; o coletivo se arma em defesa dos bons costumes, muitas vezes não pelo que é exposto, mas pela maneira como é. Se a palavra



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

“cu” fosse substituída e lêssemos “O ânus é lindo”, muito provavelmente essa moralidade se quebraria, podendo o debate se tornar mais erudito, porque o que choca é o uso “indevido” da palavra. Cu, por exemplo, nada mais é que a denominação do buraco da agulha que se lambe para que se introduza a linha de costura. A suposta compulsão a respeito da assepsia moral pregada pelo Cristianismo teria feito com que muitas palavras fossem deturpadas e também seus reais significados, a exemplo da palavra “cu”. Mas não iremos versar a respeito da religiosidade de cada pessoa, e como ela encara esse fato, uma vez que o debate seria extenso.

O que observamos é que o relacionamento entre a pornografia verbal ou visual com os dias atuais tem tomado uma forma menos tênue. O que antes era enclausurado nos pensamentos, nas relações pessoais, ou consumida de forma sorrateira em seus computadores e smartphones _ a indústria de filmes pornô é gigantesca e milionária as custas do segredo e dos condutores dos bons costumes _ hoje ganha as ruas, as casas, as conversas. A palavra “Pornografia”, no dicionário Michaelis, vem descrita como **1.** Arte ou literatura obscena. **2.** Tratado acerca da prostituição **3.** Devassidão. Ou seja, tudo o que não é certo; pelo menos segundo a descrição do que a sociedade nos sujeita há séculos.

Recentemente foi noticiado o caso da poeta Rupi Kaur, paquistanesa, que no Instagram, postou a foto de uma garota, deitada na cama de pijama, e a mesma parece estar com dor; sua calça e os lençóis estavam manchados de sangue, indicando que ela está menstruada. A foto, parte de uma exposição intitulada *Period* (menstruação, em inglês) foi censurada pela plataforma e retirada da página pessoal da fotógrafa. A poetisa reagiu, dizendo que seu trabalho não feria as diretrizes do Instagram e que a menstruação é um tabu em nossa sociedade e não tem nada de imoral ou pornográfico. Rupi na ocasião disse: “Sangro todo mês para ajudar que a humanidade seja possível. Meu ventre é um lugar divino. Uma fonte de vida para a nossa espécie” (Kaur, 2015). O caso teve um final satisfatório, uma vez que a empresa reconheceu o erro e repostou as imagens, se desculpando publicamente pelo erro.

De qualquer maneira, a pornografia, vem ganhando forma concreta, e se debate, presa em algum canto do nosso inconsciente, lembrando de um tempo em que não éramos tão reprimidos, uma vez no início dos tempos, ou mesmo entre culturas ainda existentes, o corpo é visto com tranquilidade e não sujeito as críticas. Não existe pornografia entre os índios, uma vez que não há pudor a respeito da sexualidade, por exemplo. Para eles o que existe é o erotismo que, etimologicamente, aponta para “*Eros*”, palavra de origem grega que significa “amor”; lembrando que durante muito tempo a palavra *erotismo*, vindo de *érotisme* estava diretamente ligada ao próprio ato sexual. Apenas em culturas onde o sexo é visto como algo desprovido da naturalidade que lhe é peculiar, existem discussões acaloradas e palavras são usadas como armas para punir, ou mesmo denegrir. Sobre isso, Mota (2013) nos diz em um artigo publicado:

“Em tal perspectiva, os indígenas possuem sua forma peculiar de lidar com as coisas do amor, e em algumas etnias a atmosfera erótica está impregnada à vida cotidiana. A relação sexual ocorre espontaneamente e o erotismo flui naturalmente na intensidade dos que vivem, como acontece com qualquer ser humano, experimentando expressões e formas de amar em sua totalidade” (MOTA, pág. 116)

O sexo, o corpo, deveria ser cultuado de forma natural, não vir embutido de culpa, nos escondendo atrás de nossas neuroses. Sobre isso, Freud nos diz: "Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável - seja no todo ou em parte" (Freud, 1911: 237).

Voltando à pichação, que deu origem a ideia deste: a mesma foi utilizada para esse fim de colisão entre juízos, idealizada por alunos e paralelo a esse fato, se formou um movimento artístico local, onde se pode mandar material que varia desde desenhos, a fotografias ou mesmo poemas e que versem obrigatoriamente sobre o tema. O projeto “Cu é lindo”, foi idealizado pelos graduandos do curso de Artes Visuais da UFMA e artistas Gê Viana e Layo Bulhão. Segundo Layo: “Por si só, a frase que dá título ao projeto, já discute de forma potente as questões que queremos abordar dentro das ações: o olhar preconceituoso, a abjeção, a rejeição afinada, o moralismo visual” (BULHÃO, Layo, página da internet).



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

O movimento não é novo no país, mas sim em nosso Estado. O Maranhão, assim como o Nordeste em um todo, tem em sua alma uma tradição sexista, tradicional e moralista. Em outros países ou estados esta moralidade vem sendo mais debatida e acariciada ao longo dos tempos. Por aqui, onde ainda imperam com vigor o conceito da moral familiar, é considerado mais estranho ainda a exposição deste tipo de “arte contemporânea”. Por isso a fotografia deste trabalho traz junto a alusão aos três macacos que “nada veem, nada ouvem e nada falam”; décadas de tabu nas rodas de conversas em nosso meio social.

Sobre a lenda dos três macacos sábios ou três macacos místicos: são a personificação do provérbio japonês: "não veja nenhum mal, não ouça nenhum mal, não fale nenhum mal", e são respectivamente Mizaru, Kikazaru e Iwazaru. Na cultura oriental incluem associações com o bem-estar ou com estar se beneficiando da boa mente, fala e ação. No ocidente, muitas vezes a frase é utilizada no sentido de se referir aqueles que fazem vista grossa a respeito de um tema.

Voltando ao tema e suas performances: no Sudeste, por exemplo, o artista Kleper Reis vem se utilizando desta frase para questionar esses valores, desafiar e nos interrogar a respeito da sexualidade e da função desta nossa parte anatômica. Para ele, enclausurado no submundo como o sujeito de práticas sexuais não adequadas, o cu merece respeito não apenas por ter funções tão importantes quanto quaisquer outras, fisiologicamente dizendo, mas também por poder se tornar símbolo da luta contra o preconceito no mundo homossexual, bissexual, transgênero e heterossexual.

Através do blog “Incômodos: para quem ainda vier a me amar”, Reis aborda através da fotografia e das intervenções artísticas e nos diz: “a interdição do cu nos corpos adequados à norma heterocissexista torna possível a manutenção do gênero como ideal regulatório atrelado à heterossexualidade como regime político” (Kleper, 2015). Toda essa discussão pode ser melhor compreendida através dos estudos sobre a chamada “imagem abjeto” e o conceito “*Queer*”. No dicionário, Abjeto significa: Adj. Característica do que é

baixo (vil); que contém ou expressa baixeza; a maneira acadêmica de contextualizar o que, para os leigos, é simplesmente pornografia.

ALGUMAS REFERÊNCIAS ACADEMICAS SOBRE O TEMA

Os principais articuladores do conceito, os teóricos Georges Bataille e Julia Kristeva, nos instruem e ponderam sobre a abjeção em nossa sociedade. Para Bataille, o conceito se divide em dois: o baixo materialismo e o heterogêneo. No primeiro ponto de vista Bataille nos propõe que a superioridade a respeito das ideias seja questionada. Para ele a inferioridade não pode ser descartada, nem minorizada. O baixo e o alto deveriam ser alvo de trocas constantes, extraindo sua força exatamente daí. Ou seja, uma imagem que nos causa asco deve ser analisada em conformidade com o que nos causa prazer, porque segundo o autor, tudo tem o seu lado abjeto, até mesmo o mais bonito.

Na segunda visão, o autor nos faz compreender que o heterogêneo é delimitado pela exclusão. “Como regra, a sociedade homogênea exclui todo elemento heterogêneo (...) A exclusão das existências heterogêneas permite-nos caracterizá-las como “algo outro, como incomensurável. ” (BATAILLE, 1986h, p. 143 e 144). Tudo o que nos parece ruim é automaticamente rejeitado, pelo princípio da exclusão, ou: “ a parte mais baixa da sociedade”, os excluídos, os que “causam repulsa e de modo algum podem ser assimilados pela humanidade em sua totalidade” (1986h, p. 144). Já Kristeva, em *Pouvoirs de l’horreur: Essai sur l’abjection*: “Parece mais preocupada em abordá-lo em sua dimensão individual (...) Ainda que a autora se refira, em alguns momentos, à abjeção como um processo social, as possibilidades de enfrentamento dessa opressão parecem não ser o foco do seu trabalho” (COLLING/TULLER, pag. 70).

A diferença entre os dois autores se mostra em a perspectiva de Bataille ser mais voltada para o social, enquanto a de Kristeva se volta para uma espécie de estranhamento de si, aproximando-se de questões metafísicas. O lugar da abjeção, de acordo com Kristeva (1982, p. 8), “nunca é apenas um, nem homogêneo, nem totalizável, mas essencialmente divisível, dobrável e catastrófico. Um divisor de territórios, linguagens, funções, o dejetivo nunca para de demarcar seu universo”.

Neste contexto de analisar a fotografia que expomos, também buscamos referência no conceito “Queer” que aprofunda os estudos sobre minorias sexuais



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

(gays, lésbicas, transgêneros) dando maior atenção aos processos sociais amplos e relacionados que sexualizam a sociedade como um todo como forma de heterossexualizar ou homossexualizar os indivíduos. A teoria afirma que todas as identidades sociais são anômalas. Trazendo o conceito para a realidade deste trabalho, a fotografia pode ser considerada como essa parte não acolhida, dotada de preconceito.

CONCLUSÃO

A ideia de utilizar a fotografia para evidenciar o tema vem por considerarmos que esta demonstração paralisa, congela o instante, e o que foi captado, de modo que a declaração posta em uma parede, mesmo que seja apagada, ficará registrada através e para sempre, seja em uma exposição ou para uso pessoal. Para Charlotte Cotton, em “A fotografia como arte contemporânea”, no primeiro capítulo, denominado “Se isto é arte”, a autora percorre caminhos nos mostrando fotografias ou fotógrafos contemporâneos ou do início do século XX, e exemplifica com a captação da imagem da obra Fonte, de Marcel Duchamp (1917), debatida até hoje como sendo ou não arte, se valendo das influências da arte conceitual dos anos 70. Para nosso grupo, através da fotografia exposta neste trabalho, podemos trazer à tona todos os preconceitos colocados nos itens acima, todas as teorias a respeito do que é ou não arte; do que é ou não pornografia, ou imagem abjeto.

Na fotografia em questão foi utilizado um enquadramento onde o propósito foi destacar a ideia de que a “moral”, vista de cima para baixo, coloca a frase, a pichação e o ser humano como parte inferior do processo. A moralidade acima de tudo o que pode ser considerado abjeto. Utilizamos o preto e branco também para evidenciar essa falta de percepção e conversação a respeito do tema, trazendo a luz e cor a frase, para que esta seja debatida e valorizada como parte de um processo de aprendizagem social. Por se tratar de uma imagem que é exposta em uma das rampas de acesso a deficientes do Centro de

Ciências Humanas _ o local, por si só, já é escuro e abandonado_ também nos remetendo a exclusão e ao tabu.

Creemos que no caso da “comunicação pornográfica” (forma popular de nos referendar à questão da abjeção) em específico, seja esta verbal ou visual, como mostramos no trabalho, cabe nosso recurso de defesa, ao entender que uma parte escondida do nosso corpo pode e deve ser cultuada como a língua que fala, ou o cérebro que raciocina, e não se colocar intimidada por erroneamente ser considerada impura, seja no âmbito social ou moral; nosso corpo é nosso templo e tudo o que diz respeito a ele deve ser considerado como digno e sagrado; o ser humano como um todo, deve ser considerado único e especial, em suas características e peculiaridades. Se os feixes cerebrais que nos dão oportunidade de escrever a respeito do assunto devem ser cultuados e respeitados, sim, o cu deve ser lindo e entendido como manifesto a liberdade de expressão, por nos dar a oportunidade de, através dele, tecer um diálogo a respeito do livre arbítrio e da importância da comunicação.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

REFERÊNCIAS:

BATAILLE, Georges. **The Psychological Structure of Fascism**. In: Visions of Excess: Selected Writings, 1927-1939. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986h.

BULHÃO, Layo. <http://cuelindo.wix.com/site#!sobre-1/c6x>. Internet.

COLLING, Leandro, THURLLER, Djalma. **Estudos e políticas do CUS: Grupo de pesquisa Cultura e sexualidade**. EDUFBA. Salvador, 2013

COTTON, C. **A fotografia como arte contemporânea**. Tradução Silvia Maria Mourão Netto. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 248 p.

FREUD, S. (1911). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In: ESB das obras completas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro, 1996. v. XII, p. 233-244.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: An Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LAZZARIN, L. F. **“Grafite e o Ensino da Arte”**. Revista Educação & Realidade. 32(1): 59-74, jan. /jun. 2007.

MOTA Dalva Suely Moraes, VIEIRA Regina Célia Moraes, BREVES Núbia do Socorro Pinto, SOBRINHO Roberto Sanches Mubarac. **“Percepções do erotismo e da sexualidade**

Kambeba: entre a influência ocidental e os saberes tradicionais". Revista Areté, Manaus, v. 6, n. 11, p.111-122, jul/dez, 2013.

REIS, K. incomodosparaquemaindavierameamar.blogspot.com

www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/03/150327_instagram_menstruacao